

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

WOMEN IN THE ACADEMIC CONTEXT AND THE NEW CORONAVIRUS PANDEMIC: DIFFICULTIES IN PROFESSIONAL TRAINING AND TEACHING PRACTICE

Gleyce Rafaella Barbosa de Lima¹

Vitória da Silva²

Martha Daniella Tenório de Oliveira³

RESUMO

Esse artigo objetiva apresentar a coleta de dados da pesquisa intitulada: A mulher no contexto acadêmico e a pandemia do novo coronavírus: dificuldades para formação profissional e no exercício da docência. O contexto pandêmico, exposto pela propagação do novo coronavírus, apresentou a necessidade de pesquisas a serem desenvolvidas pela Comissão de Autoavaliação do Curso de Serviço Social da Unidade Educacional Palmeira dos Índios - Campus Arapiraca - Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no sentido de aproximar o conhecimento da realidade institucional, visando ampliar as possibilidades do debate sobre gênero e formação profissional. As relações de gênero que são estabelecidas a partir da sociedade de classes, configuram-se, definindo o masculino e o feminino com bases estereotipadas e derivadas de pré-conceitos. À medida que debruçamos sobre o assunto, percebe-se que é intrínseca ao corpo, à movimentação desse outro ser a uma mudança de percepção de cunho social.

Palavras-chave: Formação Profissional; Gênero; Contexto Pandêmico; Serviço Social.

¹Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. ORCID: 0009-0003-6700-695X. E-mail: gleyce.lima@arapiraca.ufal.br

²Graduanda de Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. ORCID: 0009-0006-7101-5244. E-mail: vitoria.silva1@arapiraca.ufal.br

³Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; e docente pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. ORCID: 0009-0004-0113-5617. E-mail: martha@palmeira.ufal.br

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

ABSTRACT

This article aims to present the data collection of the research entitled: Women in the academic context and the pandemic of the new coronavirus: difficulties for professional training and teaching. The pandemic context, exposed by the spread of the new coronavirus, presented the need for research to be developed by the Self-Evaluation Committee of the Social Work Course of the Palmeira dos Índios Educational Unit - Campus Arapiraca - Federal University of Alagoas (UFAL), in order to bring knowledge closer to the institutional reality, aiming to expand the possibilities of the debate on gender and professional training. The gender relations that are established from the class society, are configured, defining the male and female with stereotyped bases and derived from preconceptions. As we look at the subject, it is realized that it is intrinsic to the body, to the movement of this other being to a change of perception of a social nature.

Keywords: Professional Training; Gender; Pandemic Context; Social Work.

1. INTRODUÇÃO

O Curso de Graduação em Serviço Social da Unidade Educacional de Palmeira dos Índios - Campus Arapiraca - Universidade Federal de Alagoas (UFAL), faz parte do processo de interiorização da Universidade, localizada no agreste alagoano. A graduação conta com aproximadamente 230 discentes matriculados/as, sendo a maioria mulheres negras e pardas.

A pesquisa intitulada: A mulher no contexto acadêmico e a pandemia do novo coronavírus: dificuldades para formação profissional e no exercício da docência, partiu da inquietação após perceber-se que no cotidiano acadêmico do Curso de Serviço Social, as mulheres (discentes), apresentam dificuldade em manter a concentração nas aulas e até mesmo no desenvolvimento dos trabalhos avaliativos e, em relação aos docentes e as técnicas, ocorreu o aumento da carga horária de trabalho durante a pandemia. Posto isto, podemos notar que essa situação não é um problema isolado, mas sim uma questão que afeta a maioria das mulheres do curso, sejam elas alunas, professoras ou técnicas.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Vale destacar que, segundo Miskolci (2021, p.166):

Toda pandemia se expressa de forma singular em cada nação, em termos epidemiológicos e culturais, obrigando-nos a reconhecer qual a relação que a do coronavírus instaura no Brasil, entre nós e com nosso passado. Se na Europa, menos desigual socioeconomicamente, a infecção atingiu fortemente os idosos, aqui ela pode ceifar mais vidas entre os pobres e desnutridos. Uma emergência epidemiológica poderia nos fazer reconhecer fragilidades como coletividade e nossa incontornável interdependência, mas nosso passado mostra que a sociedade brasileira sempre optou por tratar desigualmente os concidadãos relegando a maioria à miséria e à vulnerabilidade. Passado inconveniente a assombrar nossas elites, privilegiadas econômica e sanitariamente, durante um isolamento que radicaliza sua condição social de distanciamento das classes menos favorecidas, seus dramas e suas mortes.

É nesse contexto que a Comissão de Autoavaliação do Curso, formada por docentes, técnicas e discentes perceberam a necessidade de elaborar um projeto de pesquisa que refletisse na melhoria da qualidade do curso e assim, desenvolver estratégias que impliquem na qualidade da formação e do trabalho profissional.

A hipótese proposta é que o processo de intensificação da jornada de trabalho, da modificação da rotina, da desvalorização do trabalho, da dificuldade de adequação às tecnologias necessárias para a formação profissional, do adoecimento e da evasão no Curso de Serviço Social, especificamente, nas mulheres no âmbito da Universidade Federal de Alagoas, é aprofundado em decorrência da implantação do ensino remoto nas universidades públicas face à pandemia do Covid -19.

A pesquisa possuiu como objetivo geral analisar os rebatimentos da pandemia no cotidiano das mulheres discentes, docentes e técnicas do Curso, e verificar nos objetivos específicos, se ocorreu diminuição das bolsas de estudos, aumento do adoecimento, da evasão do curso e da carga horária de trabalho. Para tanto,

(...) as mulheres estão sujeitas a uma carga maior de trabalho, o que se mostra na corriqueira conjugação do trabalho remunerado com a estafante rotina das atividades domésticas, entre as quais o cuidado com a casa e com os membros da família. Com as medidas de isolamento, estejam as trabalhadoras em casa, em home office, ou na rua, em serviços essenciais, houve uma intensificação das suas jornadas diárias. Se estas já eram duplas, ou até mesmo triplas, tornaram-se então um trabalho ininterrupto, sem fronteiras nítidas entre casa, emprego e escola (CANAVÊZ; FARIAS; LUCZINSKI, 2021, p. 117).

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

É nesse sentido que a mulher vivencia no cotidiano acadêmico, e em outros setores de suas vidas, uma intensificação de sua jornada de trabalho, enfatizando que a mesma trabalha sem remuneração em tarefas domésticas, cuidado com os filhos, companheiros ou com os pais, processo este que é invisibilizado como trabalho perante a sociedade capitalista. Com a pandemia, a jornada de trabalho das mulheres é intensificada, a partir do momento que a casa não é seu único ambiente de trabalho, precisando trabalhar em outros locais para prover o sustento das famílias, gerando uma ininterrupta rotina entre casa, trabalho e escola.

A metodologia utilizada foi a de pesquisas bibliográfica, documental e de campo, de cunho qualitativo. Para iniciar a pesquisa foram divulgados por e-mail, Instagram e WhatsApp o formulário de inscrição, tendo 16 inscrições no total e acontecendo entre os meses de março e abril de 2023 as rodas de conversa.

Vale destacar que a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFAL, com o número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 60831822.9.0000.5013, na data de 09 de fevereiro de 2023.

2. RELAÇÕES DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: A IMPORTÂNCIA DO DEBATE PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A divisão de classes na sociedade capitalista e a implicação da separação da humanidade pela cor da pele, pelo gênero, orientação sexual, deficiência, entre outros, são fatores que implicam não só na sociedade de classes em termos financeiros, mas também que servem de modelo para determinar a capacidade de alguém, o que não é diferente dentro das universidades, levando em consideração que,

Não se trata de dividir, tampouco fragmentar a classe, uma ideia que lamentavelmente ainda circula em setores de esquerda, como se a luta feminista desvirtuasse o caminho da luta de classes. Trata-se, ao contrário, de entender as particularidades da classe para compreendê-la na sua totalidade, sem perder a sua unidade em particularismos identitários, que ao dar ênfase apenas às diferenças, fragmentam, isolam e perdem o que temos em comum e que nos unifica: a necessidade de um projeto coletivo classista e emancipatório. A unidade exige, todavia, o reconhecimento das diferenças. Do contrário, seria homogeneidade, e não

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

podemos negar que a classe não é homogênea, posto que é permeada e constituída pelas relações de sexo e raça (CISNE, 2018, p.213).

É nesse sentido que o Serviço Social em sua prática profissional se articula entre a realidade crítica e a percepção teórica, fundamentada no referencial marxista, cuja dinâmica configura-se nos marcos do sistema capitalista. Enquanto profissão, traz em seu Código de Ética o respeito a diversidade, se propondo a atuar na luta intransigente pelos direitos humanos e sociais, como mediador em relação as classes, não compactuando com nenhuma forma de preconceito e discriminação por diversas questões, que concerne a singularidade do desvio do “padrão” partindo de seu gênero, contribuindo para o surgimento das diferenças, pois, desconsideram o fato de não vivenciar o corpo de maneira universal.

Na medida em que debruçamos sobre o assunto, percebe-se como é intrínseca ao corpo, a movimentação desse outro ser a uma mudança de percepção de cunho social. Na definição de Matos (1997), o perfil masculino e feminino tem sua singularidade estabelecida socialmente, um em função do outro,

[...] que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder. Sendo uma de suas preocupações evitarem as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos, relações de poder, conceitos normativos e relações de parentesco econômicas e políticas (MATOS, 1997, p. 97- 98).

No entanto, a percepção era ainda muito estática: o aspecto biológico parecia se sobrepujar às emoções, à cultura, à atividade cognitiva e sua interação social. As relações pessoais eram percebidas, a partir do olhar, e não do tronco corporal, o que dificultava a compreensão dos aspectos múltiplos e das relações integrantes do corpo enquanto um objeto de estudo complexo.

O corpo é uma construção cultural impregnada de significados, que a depender do que o cobre é entendido como alvo de análise. Dessa forma, passa a ser visto não apenas como biológico dotado de sabedoria e invólucro de conhecimento, mas como algo que ele comunica e se comporta diante da sociedade. Assim, o corpo humano sofre enquanto categoria de

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

análise, ligado ao interesse de gênero, raça e classe, a partir desses três eixos derivados da formação da sociedade brasileira sobre a conjuntura atual social e econômica.

No processo de formação acadêmico-profissional dos assistentes sociais, a consciência é parte fundamental no processo de formação, juntamente dos processos históricos, teóricos e metodológicos que vão configurar a profissão. Se relacionando com a consciência social, a consciência profissional e racial crítica, integra e se apresenta nas relações sociais, determinantes da raça e das relações sociais que se centram no fortalecimento do Projeto Ético-Político e se opõem à ordem do sistema capitalista, embasado no materialismo histórico-dialético. Tendo isso em vista, o projeto profissional do Serviço Social, se relaciona com a construção de uma nova ordem social, que elimine todas as formas de exploração, dominação e opressão, que se insere no racismo. Mesmo com a utilização dos princípios do PEP na luta antirracista, não se pode ter o Serviço Social como único meio de combate ou responsabilidade, em que se nega o potencial de combate ou se reproduz o racismo no âmbito das profissões.

Para Otavio Ianni (2004, p.21),

A questão racial parece um desafio do presente, mas tem sido permanentemente modificada ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada mas persistente. Esse é o enigma com o qual defrontam-se uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

As relações de gênero que se estabelecem a partir das sociedades de classe, se configuram, definindo o masculino e o feminino com bases estereotipadas e derivadas de pré-conceitos. No que tange o Serviço Social, o/a profissional não pode ausentar-se da discussão em casos que englobam gênero e qualquer forma de preconceito e discriminação, que se condensam as mais amplas expressões de “desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais” (IAMAMOTO, 2007, p. 160).

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

É importante para o Serviço Social estar sempre atento ao seu caráter teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, abrangendo as múltiplas diversidades do país, compreendendo cada demanda, e como profissão que atua de forma interventiva, dentro dos limites capitalistas, oferecendo respostas condizentes com a realidade e subjetividade dos indivíduos, visto que, “o Serviço Social utiliza o conceito de intervenção no sentido de trabalhar os relacionamentos sociais, na perspectiva de mediação” (FAURY, 2003, p. 108). Sendo assim, os/as assistentes sociais assumem um papel de conscientização e de luta na vida dos/das usuários/as, visualizando uma sociedade que possua consciência de classe, raça e gênero.

O Serviço Social é uma profissão com a predominância do sexo feminino, revelando que desde cedo o gênero (masculino e feminino) são padrões de ser e viver e por sua vez, expressam também a desigualdade, a discriminação entre homens e mulheres, assim se compreende que “homens e mulheres não ocupam posições iguais na nossa sociedade e que as mulheres experimentam formas duplas de dominação (na casa e no trabalho)” (FAURY, 2003, p. 109), principalmente atrelado numa relação de dominação na sociedade capitalista.

A extensão dos direitos sociais, de gênero, trabalho, entre outras conquistas, são fruto de movimentos de mulheres e estão no cotidiano dos profissionais do Serviço Social, que não podem dar as costas para conquistas históricas da população brasileira, e que dessa forma não podem ser profissionais omissos a aderirem ou apoiarem tais situações. Dessa forma, o serviço social a respeito da discussão que guia o fazer profissional no tocante a realidade do preconceito e da discriminação de gênero, compreende que entender a realidade social é imprescindível para realizar análises mais adensadas, acerca da teoria e prática nesse processo de transformação fragmentada da dinâmica brasileira.

Posto isso, percebe-se que na Universidade o cenário de desigualdade não é diferente, os obstáculos para a figura feminina são muito mais árduos, em relação aos indivíduos do gênero masculino, seja num cenário “normal” ou pandêmico. Contudo, a chegada da pandemia mostra os reflexos dessa sociedade desigual de forma agudizada. Nesse contexto, no próximo item, apresentamos os resultados da pesquisa de campo intitulada: A mulher no contexto acadêmico e a pandemia do novo coronavírus: dificuldades para formação profissional e no exercício da docência.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

3. AVALIAÇÃO E RESULTADOS DA PESQUISA

Durante a coleta de dados das rodas de conversas e dos formulários de pesquisa, obtivemos como resultado que a pandemia modificou a rotina dessas mulheres. No âmbito do Ensino Remoto, implicou em mecanismo que dificultam o aprendizado por falta de local apropriado de estudo, pela falta de treinamento tecnológico e de equipamentos digitais que possibilitasse qualidade para desenvolvimento das atividades acadêmicas, carga horária de trabalho estendida, aumento das tarefas não só da Universidade, mas também da vida pessoal que teve que se adequar a esse modo de ensino. Segundo (ALBUQUERQUE; GILÓ, 2021, p. 96),

No ensino superior, o sofrimento psíquico comparece como um dos principais complicadores da vida acadêmica, de acordo com V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES, (ANDIFES; FONAPRACE, 2019), que levantou as principais dificuldades que mais afetam o desempenho dos estudantes, dentre as quais estão a carga excessiva de trabalhos estudantis (23,7%), empatada com os problemas emocionais (23,7%). As dificuldades emocionais mais citadas pelos estudantes são: ansiedade (63,6%), desânimo/desmotivação (45,6%), insônia/alteração do sono (32,7%), desamparo/desespero (28,2%), solidão (23,5%), tristeza persistente (22,9%), desatenção/desorientação/confusão mental (22,1%), ideia de morte (10,8%) e pensamento suicida (8,5%).

Contudo, o Ensino Remoto é apenas um dos processos (talvez um dos mais visíveis) que a pandemia apresentou e dificultou as atividades acadêmicas dessas mulheres. O coronavírus adoeceu essas pessoas não somente pelo vírus que apresenta altos índices de mortalidade, mas também através do medo do contágio e o isolamento social, tornou-se um agravante para o sentimento de esgotamento mental dessas mulheres.

Outrossim, um grande desafio foi a quantidade de mulheres que participaram da pesquisa, pretendemos ter nas rodas de conversas aproximadamente 10 discentes, 5 docentes e 2 técnicas do curso, contudo, os números alcançados foram de no máximo 10 participantes ao total, sendo 2 docentes, 1 técnica e 7 discentes. Nas inscrições, 16 mulheres preencheram o google forms.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Na aplicação dos formulários de pesquisa que foram divulgados tanto pela coordenação do curso, quanto pelos meios de comunicação via e-mail, Instagram e WhatsApp, foram somente obtidas 6 respostas de discentes e 1 de docente.

A pesquisa objetivava ter realizado 5 rodas de conversas, contudo, devido a baixa adesão, tendo em vista, alguns impasses para conseguirem se encontrar pessoalmente na Unidade como adoecimento, falta de concentração, cansaço físico e mental derivados do acúmulo de disciplinas, estágio, amontoado de Atividades Curriculares de Extensão não normalizados devido a pandemia, desencadeando na baixa adesão e na impossibilidade da realização das 5 rodas de conversas, sendo efetivadas apenas 2 de forma on-line.

3.1 Primeira roda de conversa: o que te trouxe aqui?

Explanando sobre o resultado da primeira roda, seguiremos elencando as principais dificuldades relacionadas ao tema do artigo. Durante a primeira roda de conversa do projeto “A mulher dentro do contexto acadêmico e a pandemia do coronavírus: dificuldades para formação profissional e no exercício da docência”, utilizou-se de uma dinâmica de perguntas e respostas, na tentativa de compreender os participantes do projeto, diante da realidade de cada uma. Posto isso,

Um dos principais objetivos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora (THIOLLENT, 1986, p.8).

Visualizando a importância da aproximação entre o pesquisador e o participante, a primeira pergunta se gestou em: Quem é você? incorporando entender a mulher em seu espaço pessoal e enquanto participante do projeto. As respostas percorreram desde discentes que residem com os pais ou fazem parte de comunidade quilombola, até discente pesquisadora, filha de agricultores. Direcionando para as respostas das técnicas e docentes, teremos que duas são mães solas, e outra que devido a pandemia, passou a cuidar da mãe.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

A segunda pergunta “Por quê está aqui?”, evidencia o motivo das participantes terem aceitado contribuir com o projeto. Um dos motivos por parte das discentes entrevistadas, foi devido à proximidade com a pesquisadora do projeto, além de perceberem que a pandemia influenciou no processo de aprendizagem delas e a percepção da gestão da universidade neste contexto pandêmico. Outros motivos, foram em relação ao projeto ser centrado sobre a mulher no espaço acadêmico, sobre a importância da educação e as dificuldades em relacionar atividades domésticas, estar em casa e neste mesmo ambiente dar ou ter aulas remotas.

A terceira e quarta pergunta “O que gosta de fazer?” e “O que não gosta de fazer?”, finalizaram este primeiro momento de conhecer as mulheres participantes do projeto. As respostas fixaram-se em não gostar de realizar os trabalhos domésticos, que são demandados todos os dias, sem um momento de descanso, aliado à o ensino remoto que, obrigou a ficar horas sentadas diante do computador para assistir às aulas, resultando no adoecimento, devido a rotina corrida.

3.2 Segunda roda de conversa: o que vocês esperam da universidade?

A segunda roda de conversa apresentou como tema central a pergunta: “Como foi sua relação com a Universidade durante a pandemia?”. O objetivo era deixar as mulheres livres para responderem da forma que se sentissem mais à vontade, nesse processo, compreendeu-se que a universidade foi palco de um cenário cheio de sobrecargas e desafios, entre eles o isolamento social marcado pela necessidade de entender o vírus, o medo do contágio e as perdas que mesmo que não fossem de pessoas próximas, passam a viver o luto um do outro. Conforme (MISKOLCI, 2021, p.164-165) coloca,

O medo também se integrou/domesticou no cotidiano das sociedades contemporâneas, na forma calculada do risco. De qualquer modo, o temor coletivo não se extinguiu – tampouco nada aponta para sua superação. Cabe-nos reconhecer seu papel na vida social, uma presença jamais desejada que impacta nossas projeções do futuro moldando a forma como agimos individual e coletivamente. [...] Quando o que era risco se materializou em perigo epidemiológico, a incerteza gerou cálculos, projeções e probabilidades sobre a curva da epidemia, mas também instaurou um estado de crise que vincula a coletividade e os sujeitos. Atualmente, o vocabulário médico-sanitário busca domesticar a crise instaurada pela covid-19 na familiaridade reconfortante do slogan Fique em Casa e nos conselhos de

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 32, 2023.

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

especialistas para manter a rotina e cuidar da saúde mental. A quarentena, tecnologia sanitária que Michel Foucault (2006) data da eclosão da peste em território francês, voltou a ser acionada com fins de saúde pública que evocam paralelos sombrios entre o presente e o passado.

Considerando que algumas turmas adentraram a Universidade durante a pandemia, uma questão esplanada pelas discentes, foi conhecer a instituição através de algo inesperado, sobrecarregado e cheio de inseguranças, afetando o entendimento dos conteúdos abordados em sala de aula e a necessidade de se encontrarem na Universidade em meio ao isolamento social.

Esse mecanismo não permeia apenas a vida das discente, mas também no exercício da docência, destacando que 3 anos depois do início da pandemia ainda é vivenciado uma rotina que impede as mulheres se desligarem das tarefas domésticas e do trabalho profissional ao mesmo tempo, esse processo fez com que mesmo estando dentro de casa, as mulheres continuam com suas residências bagunçada pelo cansaço da sobrecarga de trabalho.

Nesse contexto, a gestão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) deixou a desejar por não quererem qualidade, e sim buscavam eficiência, de modo a UFAL ficou de março a setembro sem responder a pandemia, haja vista, não organizou-se para pensar nos/as alunos/as quando aplicou o Período Letivo Excepcional (PLE), posto isso os/as professores/as e alunos/as participaram aqueles/as que queriam e podiam, esse processo resultou na reprovação de alguns/as, pois era cada um por si. Contudo, isso mostrou o negacionismo principalmente através da opinião do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro. As aulas foram ficando piores a cada período e a sensação de isolamento aumentou a ansiedade.

No que tange ao aumento do desgaste e do cansaço físico e mental por parte das discentes, as questões mais levantadas, é que isso é reflexo da pandemia, tendo em vista, o acúmulo de estágio, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de Atividades Curriculares de Extensão (ACE), além do uso excessivo das redes sociais, que os pessoais como WhatsApp, passou a ser utilizada para resolver as atividades acadêmicas.

Outrossim, um ponto positivo debatido em roda de conversa, foi possibilidade de participar de atividades de extensão que ocorreram de forma remota. No decorrer da roda,

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

também apareceram os debates sobre a falta de equipamentos adequados para assistir ou dar as aulas.

Desmembrando o formulário, temos que, as participantes face à pandemia, encontravam-se confusas a respeito da sua relação com a Universidade, com a insegurança de não conseguir se adaptar a nova modalidade de ensino. O que se visualiza pelas participantes com o ensino remoto, foi que o mesmo, desencadeou em um processo de desvalorização do curso de Serviço Social, tendo em vista, o distanciamento de debates mais profundos e ricos entre docentes e discentes sobre as temáticas estudadas na graduação.

As respostas no formulário sobre as dificuldades relacionadas ao ensino remoto e a pandemia para as mulheres, consubstanciam no já citado, falta de acesso a internet de qualidade, falta de concentração, incertezas da volta presencial e diminuição na organização das ideias. Sobre o adoecimento, segundo as respostas do formulário, o nível de ansiedade aumentou, e sobre a gestão, os programas de auxílio estudantil continuaram, mas a exemplo da BPG - Bolsa Pró-Graduando, não ocorreu aumento no valor, mesmo com a intensificação da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de classes tem suas raízes fincadas numa estrutura fragmentada na qual divide a sociedade, deste modo, as consequências da pandemia aprofundam essa fragmentação, visto que, as desigualdades sociais tornam-se mais visíveis, o que vem refletindo diretamente na vida das mulheres em todas as suas dimensões, sejam elas trabalho ou vida pessoal, e em como esse processo desencadeia nas dificuldades para o aprendizado e abandono no Curso de Serviço Social.

Para a compreensão da realidade, as dimensões de totalidade, singularidade, particularidade e universalidade são necessárias, e para isso a categoria mediação é utilizada e incorporada na formação acadêmico-profissional, no sentido de ultrapassar a imediatividade e implica na reconstrução da movimentação do objeto.

No decorrer da pesquisa percebe-se que as mulheres mais uma vez tiveram, na obrigação de serem vistas como capazes de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, assumindo

A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

um carácter de super heroínas, que serve tão somente para naturalizar a figura feminina como objeto incansável, normalizando a extensão da sua jornada de trabalho

Entre as dificuldades na Universidade Federal de Alagoas, foi entende-se que o descaso da gestão da reitoria da UFAL, desencadeando na má administração e desenvolvimento do PLE. Posto isso, durante a pandemia, nota-se, para além do medo do desconhecido através da propagação do vírus e do isolamento social, o desânimo crescente a cada período remoto, a falta de equipamentos adequados para toda comunidade acadêmica, para as mulheres, acentua-se a responsabilidade imposta pela sociedade a elas, para suprir as necessidades de casa, filhos/familiares, trabalho profissional e estudos, agudizando o adoecimento dessas mulheres, as impedindo de desenvolver as atividades acadêmicas de forma a prejudicar a formação profissional e por consequência os atendimentos dos serviços oferecidos pelo Serviço Social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cynthia; GILÓ, Lara. **SOFRIMENTO PSÍQUICO E EDUCAÇÃO SUPERIOR: DETERMINAÇÕES E PARTICULARIDADES DE JOVENS ESTUDANTES DO IFCE – CAMPUS IGUATU**. Educação, subjetividade e saúde mental na realidade brasileira. 1. ed. Fortaleza, CE: Editora da UECE. 2021, p. 96-111.

CANAVÊZ, Fernanda; FARIAS, Camila; LUCZINSKI, Giovana. **A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde?** Saúde Debate. Rio de Janeiro, V. 45, N. ESPECIAL 1, P. 112-123, OUT 2021.

CISNE, M. **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. Re: Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018

FAURY, M. **Estudando as Questões de gênero em Serviço Social**. Campinas, Faculdade de Serviço Social da PUC, Vol. 14, Jan/Abril, 2003.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempos de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

IANNI, Octavio. **Dialética das relações raciais**. Revista Estudos Avançados 18 (50), 2004.p. 21-30.

**A MULHER NO CONTEXTO ACADÊMICO E A PANDEMIA DO NOVO
CORONAVÍRUS: DIFICULDADES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NO
EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

MATOS, M. I. S. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades** (Org.). In: _____. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na história Contemporânea*. São Paulo: Educ. 1997.

MISKOLCI, R. **O medo da Pandemia como questão sociológica**. Re: sociol. antropol. | rio de janeiro, v.11.especial: 163–168, agosto, 2021. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752021v11esp9>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.